

escrevi nas *Religiões*, III, 424 sgs.—Esta pedra apareceu no leito de um riacho, no sítio de Paroselos, freguesia de Padroso, concelho de Montalegre (o riacho chama-se Rigueiro dos Mouros), e recebeu no Inventário do Museu o n.º 5205.

A segunda pedra é uma ara de 0^m,72 de altura, 0^m,19 a 0^m,20 de espessura, 0^m,27 de largura no centro, com volutas em cima, e fôculo ou pátera. Talvez tivesse uma inscrição, mas hoje está completamente apagada. Apareceu no sítio da Veiga de Carigo, freguesia de S. Vicente da Chã, concelho de Montalegre; perto desse sítio há um castro. A pedra recebeu no Inventário do Museu o n.º 5207.

J. L. DE V.

A Exposição Olisiponense no Museu Arqueológico do Carmo

A Associação dos Arqueólogos Portugueses tomou este ano, mercê da sua Secção de Arqueologia Lisbonense, a iniciativa feliz de realizar nas ruínas esplêndidas das absides ogivais do convento do *Santo Condestabre Nun'Alvrez* a primeira exposição histórico-etnográfica da cidade de Lisboa.

Quis festejar com uma boa peça de programa a data das suas bodas de ouro, e patenteou à curiosidade pública, nas salas dessa sua séde, a mais preciosa colecção de produtos das olarias de Lisboa, bem como de outras manifestações artísticas, gráficas, industriais, etnográficas, da capital. Reuniu-lhes numerosa documentação literária, de autores nacionais e estrangeiros, antigos e modernos, que à cidade se referiam,—e abriu a Exposição Olisiponense.

No opúsculo *A Arqueologia*, da Biblioteca do Povo e das Escolas, diz o autor, fazendo menção da associação criada pelo benemérito Possidónio da Silva: «foi constituída com o fim de estimular o desenvolvimento da archeologia,» e «cumpre aquelle fim nobre e patriótico, com bastante amor e dedicação,» e também: «nem sempre tem sido satisfeitos os intuitos e aspirações da Associação, mas resta-lhes o orgulho de trabalhar constantemente para conseguir o objectivo que se propôs»¹. A Exposição Olisiponense, obra da Associação encomiada

¹ *A Arqueologia*, fascículo n.º 181 da Biblioteca do Povo e das Escolas, por D. António José de Melo, tenente de cavalaria, pp. 4 e 5.

nestas palavras justas de uma publicação modestíssima, vem assim corroborar em absoluto, e rememora-lo, êste depoimento. A tentativa, confessada, de formar um museu municipal lisbonense é de encarecer, e a experiência foi, além de um incentivo superior e justo, uma prova magnificamente conclusiva do que pode e deve vir a ser êsse museu de uma cidade que é uma capital de nomeada, e larga história, e que «foy aplaudida Monarcha, Emperatriz, Rainha, e Princeza do Oceano»¹. E, se a demonstração, apesar de clara e animadora como fica, deixar de dar com bom êxito alguma cousa mais extensa, ficar-lhe há, à Associação dos Archeólogos Portuguezes, e em todo o seu valor, o merecimento do esforço inicial pela consecução de tamanha empresa.

Tudo o que de Lisboa conseguiu condensar, dessa

.....Lisboa
De ruínas e de glórias!...

das *Despedidas*, de António Nobre², tudo aquilo que foi encontrado e obtido para ser exposto, a Associação o classificou em cinco grupos, cujas espécies assim foram distribuídas por três salas que com elas se encheram:

- 1.º Cerâmica.—Produto das antigas olarias de Lisboa e seu termo.
- 2.º Planos.—Plantas anteriores à transformação da cidade (1880).
- 3.º Vistas e aspectos da cidade, seus bairros e monumentos.
- 4.º Bibliografia Lisbonense:
 - a) Monografias;
 - b) Roteiros, folhinhas, calendários, folhetos e mapas divisionários das paróquias;
 - c) Crónicas e memórias acêrca de edificios civis e religiosos de Lisboa.

5.º Vária.—Documentos diversos que interessam à etnografia e ethnologia da cidade.

Foram editados dois Catálogos, ilustrados com desenhos dos sócios Alberto de Sousa e Cristino da Silva e com fotografias do sócio Luís Bettencourt. O primeiro Catálogo compreende apenas o primeiro grupo; o segundo abrange todos os demais. Em todos os grupos há

¹ *Fundação, Antiquidades, e Grandezas da mui insigne cidade de Lisboa*: pelo Capitão Luis Marinho de Azevedo, Anno de MDCCLIII; p. 1.

² P. 90. Rememoração feita nas «Breves palavras» que prefaciam o folheto últimamente publicado—*Lisboa, Poesia de António Nobre*—por Henrique de Campos Ferreira Lima.

exemplares de subido valor, mas valem menção especial os dois primeiros.

Entre a loiça, variada de desenhos, ornatos e esmaltes, acumulam-se exemplares dos vários tipos descritos por José Queiroz na *Cerâmica Portuguesa*, e definem-se os perfis ondulados ou direitos, polierómicos ou monocerómicos, das fábricas de Lisboa: a do Rato (séc. XVIII e XIX) com os seus ornatos azuis, esmaltes brancos e estatuetas; a da Bica do Sapato (fins do séc. XVII) com peças finas, contramoldadas, polierómicas; as olarias do Monte Sinai, etc., que mostram uma evolução do fabrico das faianças, desde o séc. XVI até os meados do séc. XIX. Entre as melhores cousas, avultam: o prato contramoldado de faiança, marcado no catálogo com o n.º 20, que tem a forma duma estrela de 12 pontas, e pertence ao Sr. António Arroio; as peças assinadas por Tomás Brunetto, com formas de fantasia; as obras de Cifka, pratos, um gomil de estilo do Renascimento, uma rabeca de faiança, todas elas cheias de decoração fantástica e riquíssima; uma bela mesa de faiança, com relevos e pinturas de scenas mitológicas, trabalho de António Luís de Jesus.

No segundo e terceiro grupo há vistas, plantas de Lisboa, dos séc. XVI, XVII e XVIII, gravadas em Portugal e lá fora. Assim se vêem: do séc. XVI, a iluminura da 1.ª página da *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes; uma reprodução do desenho de um manuscrito do British Museum, feito por Simão Beninc; a planta de Lisboa por George Bráunio; do séc. XVII, gravuras holandesas, inglesas, alemãs, a planta de Lisboa por João Nunes Tinoco (1650); do séc. XVIII são numerosíssimas as estampas, gravuras, com vistas dos destroços do terremoto de 1755, feitas lá fora, com legendas alusivas.

As duas restantes secções são mais modestas, tanto pela representação como pela sua desproporção com a bibliografia lisbonense, em uma, e com a etnografia em outra. Elas porém formam o melhor núcleo possível para a constituição de secções completas.

LUÍS CHAVES.

«Les monuments épigraphiques sont les seuls documents originaux et authentiques de notre histoire nationale pendant une période de plusieurs siècles, et leur perte est irréparable. Leur conservation est donc d'intérêt public .. L'influence des agents atmosphériques sur les blocs lapidaires est très sensible.